

RICHARD PAUL EVANS

A FELICIDADE

Tradução de Alice Klesck



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

CAPÍTULO

Um

Amostra



Nunca se sabe o que uma nova estrada irá trazer.

❁❁ Diário de Alan Christoffersen ❁❁

Amostra

Custer, Dakota do Sul, é uma cidadezinha turística caprichada, próxima ao Monte Rushmore e ao Crazy Horse Memorial. Passei dois dias em Custer, me convalescendo de um período longo e emocionalmente desafiador pelo leste de Wyoming. No domingo, eu estava pronto para retomar minha jornada. Era uma manhã fresca de maio e eu me levantei junto com o sol, tomei banho e me barbeei. O luxo dos meus aposentos não passou despercebido. Nas semanas que tinha pela frente, eu atravessaria uma parte desolada dos terrenos erodidos da Dakota do Sul e não teria uma cama macia, nem água quente.

Abri meu atlas rodoviário em cima da cama e o analisei por alguns minutos, desenhando meu caminho com o dedo. Então, depois de definir meu itinerário, o tracei à caneta. Meu alvo seguinte estava a dois mil quilômetros de distância: Memphis, Tennessee, passando por St. Louis. Saindo de Cluster, eu caminharia para o norte até cruzar com a Interestadual 90; depois, eu caminharia pela Dakota do Sul, atravessando a região árida, por aproximadamente 160 quilômetros até Sioux Falls.

Na noite anterior, eu havia lavado cinco pares de meias na pia do hotel. Elas estavam cinzentas e puídas, prontas para serem aposentadas. Infelizmente, ainda estavam úmidas. Eu as coloquei no saco da lavanderia, que encontrara no quarto do hotel, e as guardei na mochila. Depois, calcei minhas meias manchadas de suor, da véspera, amarrei meus sapatos e fui para a saída do hotel.

Ao caminhar pelo lobby, notei uma mulher sentada numa das poltronas, perto do balcão da recepção. Ela tinha cabelos grisalhos,

embora parecesse jovem demais para isso. Estava vestindo um longo casaco preto de lã e uma echarpe de seda vinho em volta do pescoço. Ela era bonita, ou já havia sido, e tinha alguma coisa de que era difícil desviar os olhos. Algo nela parecia familiar. Estranhamente, ela estava igualmente me observando, com um olhar intenso. Quando estava a poucos metros de distância, ela disse:

— Alan.

Eu parei.

— Desculpe?

— Você é Alan Christoffersen?

Quando olhei para o seu rosto, tive certeza de já tê-la visto, mas não sabia onde.

— Sim — eu disse. — Eu sou. — Então, eu percebi quem ela era.

Antes que eu pudesse falar, ela disse:

— Eu estou procurando por você há semanas.

C A P Í T U L O

Dois

Amostra



*Há pessoas como Benedict Arnold, ou Adolf Hitler,
cujos nomes se tornam sinônimos de maldade e
são mais um adjetivo do que um substantivo.
Pra mim, “Pamela” é um nome assim.*

✧. Diário de Alan Christoffersen .✧

A mulher era mãe de McKale.

— Pamela — eu disse. Era um nome. Era um nome que eu nunca tinha dito sem dor ou raiva — geralmente ambas —, um nome que, quando eu era garoto, e mesmo adulto, representava para mim tudo que havia de errado no mundo. Pamela era a origem da maior angústia de McKale, uma farpa permanente em seu coração. Há um bom motivo para que eu não a tivesse reconhecido imediatamente. Eu só havia encontrado Pamela uma vez, rapidamente, no enterro de McKale, e dissera tudo que eu tinha a intenção de lhe dizer naquela ocasião.

— O que você quer? — perguntei.

— Eu estava querendo falar com você — disse ela.

— Sobre o quê?

Ela engoliu, nervosamente.

— Tudo.

— Tudo — eu repeti. Sacudi a cabeça. — Não. Nós não temos nada a falar.

Ela pareceu chateada, mas não particularmente surpresa com a minha resposta.

— Eu não o culpo, mas eu vim de longe...

Eu olhei para ela por um instante e depois peguei minha mochila.

— Eu também. — Virei as costas e saí andando, pela porta da frente do hotel.

A cidade de Custer estava fervilhando de turistas, o trânsito era agitado e as calçadas ao longo da Mount Rushmore Road estavam lotadas de gente que viera para ver os monumentos. Eu planejava caminhar 32 quilômetros naquele dia e estava pronto para o café da manhã, mas, francamente, ver Pamela tinha, de alguma forma, me tirado a fome.

Eu não podia acreditar que ela tinha vindo me procurar. *De que ela poderia querer falar?* Depois que eu tinha caminhado cerca de cem metros do hotel, olhei pra trás. Para meu desânimo, Pamela estava me seguindo, caminhando a cerca de uma quadra atrás de mim, do mesmo lado da rua. Ela estava com uma viseira e uma bolsa rosa grande, pendurada no ombro. Meia quadra depois, eu entrei no Songbird Café — o restaurante que o balconista do hotel havia recomendado.

Era um café pequeno e cheio, e a garçonete tinha acabado de me colocar numa mesa redonda de canto quando a sineta acima da porta tocou e Pamela entrou. Ela estava segurando a bolsa com as duas mãos e me deu uma olhada disfarçada, enquanto esperava para se sentar. Felizmente, a recepcionista a levou até uma mesa do outro lado do salão, onde ela permaneceu. Eu estava contente de ela não ter vindo até a minha mesa. Se ela tivesse feito isso, eu teria ido embora.

Eu devorei meu café da manhã — uma pilha de panquecas, dois ovos fritos, três tiras de bacon queimado e uma xícara de café. Paguei a conta, depois peguei minha mochila pesada e saí. Pamela ainda estava sentada à sua mesa, bebendo café, com seus olhos escuros me seguindo.

Atravessei para o outro lado da rua e caminhei várias quadras de volta, na direção do hotel, virando no meio da cidade, no cruzamento da Estrada 16. Segui a rodovia rumo ao norte, na direção do Crazy Horse Memorial. Partindo de Custer, havia mais de um caminho para a Interestadual 90, mas a 16 me faria passar pelo monumento e, mesmo se não fosse a rota mais curta, parecia mais interessante.

Quando cheguei ao topo da colina acima de Custer, dei uma olhada para a cidade. Inacreditavelmente, Pamela estava ali, caminhando a quatrocentos metros atrás de mim. Eu sacudi a cabeça. Será que ela realmente tinha a intenção de me seguir? Eu duvidava que ela estivesse em condições físicas para me acompanhar. Ela nem sequer tinha calçados para isso. Se achava que eu iria parar e esperar por ela, estava tristemente enganada.

Os primeiros cinco quilômetros saindo da cidade eram colina acima, e Pamela rapidamente ficou para trás, até que eu não mais conseguia vê-la. Menos de meia hora depois de partir de Custer, ela não estava mais à vista. Fiquei imaginando o que McKale teria achado da situação. A mãe que ela passara a vida desejando ter estava me perseguindo.

Cerca de 6,5 quilômetros após a saída de Custer, eu cheguei à Avenue of the Chiefs, caminho que leva até a monumental *Crazy Horse*, esculpida na montanha. Ainda estava encantado com o trabalho de Korczak (e sempre estarei), então peguei um atalho e caminhei até a entrada do parque. O ingresso de entrada custa dez dólares, mas eu não estava com vontade de caminhar até o monumento, então só fiquei ali na entrada, admirando o trabalho, a distância. Fiquei imaginando se aquela escultura gigantesca seria concluída durante meu tempo de vida. Eu esperava que sim. Mesmo velho, eu certamente voltaria para vê-la concluída. Meu coração subitamente doeu. A ideia de ficar velho sem McKale me trouxe uma solidão profunda. Eu voltei para a estrada e retomei minha caminhada.

A estrada depois do parque Crazy Horse era uma descida, com acostamentos largos e apenas alguns prédios ao longo do caminho, incluindo ofertas de passeios de helicóptero até os monumentos.

Parei no Condado de Pennington e almocei o que tinha na mochila. Comi uma maçã, uma barra de granola e sanduíche de queijo suíço e presunto, ligeiramente amassado, que eu tinha comprado na véspera, no mercado de Custer.

Enquanto comia, voltei a pensar em Pamela — e senti raiva mais uma vez. Fiquei imaginando quanto ela teria caminhado antes de dar meia-volta. Também fiquei me perguntando como ela teria me encontrado. Depois de alguns minutos, a afastei do meu pensamento. A ideia de tê-la me seguindo me dava aversão. Terminei de comer e voltei para a estrada.

Nas horas seguintes, tive condições ideais para a caminhada — estradas novas e lisas, bem asfaltadas, com grandes acostamentos, ar puro e lindas paisagens montanhosas — algo que eu apreciava depois de uma longa caminhada pela região desolada do leste do Wyoming.

O sol tinha começado a se pôr quando ouvi um carro encostando atrás de mim, os pneus passando sobre as pedrinhas. Virei-me e vi uma antiga caminhonete Chevy turquesa, com capota combinando, parando a cerca de quinze metros atrás de mim. A porta do passageiro se abriu, e Pamela saiu do veículo. Ela disse algo ao motorista, depois pendurou a bolsa no ombro e continuou caminhando atrás de mim. Eu gemi. *Ela é persistente como McKale*, eu pensei. Talvez a persistência seja algo genético. Se McKale queria alguma coisa, ela não desistia até conseguir.

Depois que a caminhonete foi embora, Pamela gritou para mim.

— Alan, nós precisamos conversar.

— Não, não precisamos — eu gritei de volta, sem olhar. — Só me deixe em paz. — Eu apressei o passo. Quando cheguei a Hill City, uma hora depois, ela não estava à vista.

CAPÍTULO

Três

Amostra



*Não sei se existem poltergeists ou fantasmas,
e nem ligo. Já há coisas demais que não entendo
no mundo que habito para que eu me preocupe
com um mundo onde ainda não estive.*

✧. Diário de Alan Christoffersen ✧.

Em seu breve apogeu, Hill City ganhou o apelido de “Hell City” (“Cidade do Inferno”) ou “One Mile to Hell” (“Uma Milha para o Inferno”), já que havia uma igreja em cada ponta da cidade, com quinze *saloons* no meio. A cidade foi fundada em 1876, no ano de centenário dos Estados Unidos, e era originalmente uma cidade de mineração, a segunda a ser estabelecida em Black Hills.

Hill City ficava a cerca de 32 quilômetros de Custer, a maior parte do caminho sendo em descida, o que podia parecer uma caminhada mais fácil, mas o declive fazia meus joelhos latejarem. Já estava escurecendo quando eu comecei a procurar um lugar para passar a noite.

Na rua principal de Hill City, me deparei com um hotel chamado Alpine Inn, um prédio estranho, em estilo da Bavária, com sancas trabalhadas e uma varanda de madeira. Acima da escada da frente havia uma placa que dizia:

Excelente Hospedagem Europeia

Eu entrei no bar vazio, com mesinhas redondas espalhadas. À esquerda do salão, havia uma porta que conduzia a um restaurante surpreendentemente cheio. Uma mulher perto da entrada ficou me olhando de trás de um balcão de recepção. Ela sorriu quando eu me aproximei.

— Boa noite — disse ela.

— Eu gostaria de dar uma olhada em seu cardápio — eu disse.

— Não precisa — disse ela. — Nós só temos um item em nosso cardápio. Na verdade, dois: filé mignon, pequeno ou grande.

Em princípio, eu achei que ela estivesse brincando, mas sua expressão continuou séria.

— É mesmo?

Ela assentiu.

— Eu sei, é incomum, não é?

Eu nunca tinha encontrado um restaurante assim, mas, a julgar pela lotação, eles deviam estar fazendo algo certo.

— Vou querer o filé mignon — eu disse.

— Boa escolha — disse ela. — Por aqui, por favor.

Ela me conduziu a uma mesinha perto dos fundos. Havia cardápios de papel sobre a mesa, o que pareceu meio estranho diante da seleção limitada do restaurante.

Depois de um instante, a garçonete apareceu. Ela era uma mulher alta, provavelmente da minha idade, de cabelos louros e nariz grande.

— Eu sou a Heidi — disse ela. — Grande ou pequeno?

— Grande.

Ela não escreveu nada, o que não me surpreendeu.

— Gostaria de algo para beber?

— Vocês têm suco?

— Maçã, laranja e oxicoco.

— Quero um suco de maçã. Pode misturar com oxicoco?

— Claro, *maçãoxi*.

— E água gelada.

— Claro.

Antes que ela se afastasse, eu perguntei

— Sabe se o hotel tem vagas para esta noite?

— Não, mas vou verificar.

Um minuto depois, ela voltou com meu suco.

— Aqui está. E eu chequei os quartos. Infelizmente, não temos vagas. Só temos quatro quartos.

Franzi o rosto. Eu estava na expectativa de ficar ali.

— Você conhece algum lugar próximo onde eu possa ficar?

Ela pensou por um instante.

— Tenho quase certeza de que há uma pousada, oitocentos metros ao norte daqui. Chama-se Holly alguma coisa. Holly Inn, eu acho.

— Na estrada?

Ela assentiu.

— Se continuar seguindo ao norte, não tem como errar.

— Obrigado — eu disse. — Vou dar uma olhada depois de comer.

Minha refeição chegou rapidamente — outra vantagem de um cardápio limitado. O filé mignon estava servido com alface e molho ranch caseiro e uma torrada amanteigada texana.

— Precisa de mais alguma coisa? — perguntou Heidi.

— Não — eu disse. — Vocês têm sempre esse movimento?

O ano inteiro. O hotel também é bem movimentado. Os quartos são bons. Um sorriso travesso surgiu em seu rosto. — Assombrados, mas bons.

— Assombrados?

— Sim, mas eu provavelmente não deveria lhe dizer isso.

— Como sabe que eles são assombrados? Já viu um fantasma?

— Não. Mas outra garçonete disse que viu.

— E você acredita nela?

— Ela nunca mentiu pra mim. Além disso, não é o que ela disse, é a maneira como disse. Aconteceu no meio de uma noite movimentada de sexta-feira. Ela estava no banheiro dos empregados, atrás da cozinha. Enquanto lavava as mãos, ela olhou no espelho. Havia uma mulher vestida com trajes do século XVIII, em pé, bem atrás dela. Todos nós a ouvimos gritar.

— Eu fui ver se ela estava bem e a encontrei pálida e trêmula. Parecia que ela ia desmaiar. Pedi demissão na hora. Eu acabei ficando com todas as suas mesas. Desde então, ela nunca mais pôs os pés aqui. — Ela me olhou, estudando minha reação. — De qualquer forma, é melhor eu deixá-lo comer seu jantar, antes que esfrie. Tem mais sobre o hotel na parte de trás do cardápio. *Bon appétit.*

Eu cortei o filé. A carne estava magistralmente preparada e tão macia que, se eu quisesse, poderia tê-la cortado com o garfo.

Dei algumas garfadas e ergui o cardápio. A história do hotel estava impressa atrás do cardápio, e eu a li enquanto comia.

Hill City era uma cidade de mineração de ouro, fundada durante a corrida do ouro do Oeste. Seu sucesso durou pouco e os mineiros rapidamente seguiram adiante, deixando a cidade com dois residentes — um homem e seu cão.

Em 1883, a cidade passou por nova expansão quando estanho foi descoberto, e uma mineradora inglesa investiu milhões organizando a Harney Peak Tin Mining, Milling and Manufacturing Company. A empresa construiu o hotel e o batizou de Harney Peak Hotel, como uma espécie de residência luxuosa para os executivos da mineradora. Como ocorrera com o empreendimento anterior de mineração, a corrida ao estanho não durou muito, e a cidade morreu de novo, até que o Monte Rushmore ressuscitou a área, trazendo o ouro do turista.

Em 1974, uma mulher alemã chamada Wally (pronuncia-se Volley) Matush comprou o Harney Peak Hotel e lhe deu o nome de Alpine Inn. A essa altura, as visões de fantasmas tinham se tornado comuns, e a nova gerência não se intimidava em contar aos hóspedes que o hotel era assombrado. Wally até pediu que fosse enterrada embaixo do hotel, quando morresse, para que pudesse circular com os outros fantasmas.

Ler sobre fantasmas me fez pensar em Pamela. Fiquei imaginando o que teria acontecido com ela desde que eu a deixara para trás. Pela primeira vez, desde que ela havia surgido, minha raiva tinha se acomodado o suficiente para que eu pudesse analisar meus sentimentos. Apesar da minha ira, eu me sentia num certo conflito quanto a essa situação. Parte de mim sentia que só falar de Pamela já era uma traição a McKale. Outra parte, talvez mais civilizada, achava errado não deixar que ela ao menos dissesse o que viera de tão longe para dizer.

Eu afastei o conflito da cabeça. Certo ou errado, não tinha desejo algum de falar com ela. Se ela estava sofrendo, que sofresse. Ela tinha trazido isso para si mesma. McKale não lhe devia nada. Eu não lhe devia nada.

Terminei de comer, paguei a conta, depois peguei minha mochila e segui ao norte, subindo a via principal, em busca de uma pousada. Parei num mercadinho no caminho e fiz um estoque de água e suprimentos: Pop-Tarts, maçãs, mix de nuts e frutas secas, salame, laranjas, cereal em barra, carne seca, uma baguete e alguns enlatados: sopa, chili e guisado.

Perguntei à caixa se ela sabia algo sobre a pousada, mas ela me deixou desconcertado ao dizer que nunca tinha ouvido falar. Fiquei imaginando como isso seria possível numa cidade daquele tamanho. Saí novamente e continuei caminhando, preocupado de ter passado pela casa sem notá-la naquele escuro. Eu tinha andado mais 1,6 quilômetros quando deparei com uma placa na lateral da estrada que dizia:

A Casa do Azevinho Um Resort de Cama e Café

Eu não tinha certeza de onde vinha a parte do resort, já que o lugar mais parecia a casa da família Brady Bunch do que um resort elegante. A parte externa da edificação estava iluminada por luzes de longo alcance, revelando uma decoração de folhas e coroas de azevinho.

Contornei a casa e bati na porta lateral. Fui recebido por uma mulher de meia-idade que presumi ser a proprietária do “resort”.

— Posso ajudar?

— Eu preciso de um quarto para passar a noite.

— Bem-vindo — disse ela, com um sorriso largo. — Meu nome é Dawna. Entre.

Eu entrei no que parecia ser a sala de estar da casa. O cômodo tinha um tapete vermelho gasto e paredes cor de verde floresta, cobertas de pôsteres de aquarelas natalinas.

— Qual é o seu nome? — perguntou ela.

— Alan.

— Prazer em conhecê-lo, Alan. Nós temos cinco quartos disponíveis e uma cabana nos fundos. Eu vou lhe mostrar, e você pode me dizer que quarto prefere.

— Seus quartos são assombrados? — perguntei.

Ela me olhou com uma expressão estranha.

— Não que eu saiba. Você precisa de um quarto assombrado?

Eu sorri.

— Não. Sem ser assombrado está bom pra mim.

Dawna me levou para ver os cinco quartos, começando pelo do Velho Oeste, que tinha uma réplica do revólver de Wyatt Earp, o quarto USA, a Suíte Nupcial, o quarto Harley (sem dúvida homenageando

o evento anual de motociclismo, em Sturgis) e o quarto Vitoriano, decorado com o vestido de crisma da sogra de Dawna e uma vitrola que ainda funcionava.

Todos eles pareciam bons, e eu não me importava muito com o quarto em que ficaria, então escolhi o quarto Velho Oeste, pelo motivo pragmático de ser ele o mais próximo da porta da frente. Por isso e também por ter gostado da banheira, que era grande o suficiente para um caubói e seu cavalo.

— Boa escolha — disse Dawna. — Para o café da manhã, eu vou servir minha caçarola *festiva*. A que horas você vai querer comer?

— Geralmente levanto cedo — eu disse, satisfeito com a oferta de algo festivo para o café da manhã. — Talvez sete. Ou até mais cedo.

— Terei o café da manhã pronto pra você. Tenha uma boa noite.

Fui para o meu quarto e liguei a televisão, enquanto deixava a banheira encher-se. Estava ligada num canal de reality show, em que pessoas apostavam no conteúdo de unidades de armazenagem abandonadas. Deveriam fazer um programa sobre um cara atravessando os Estados Unidos a pé, pensei. Só que não comigo.

Desliguei a televisão, tirei a roupa e depois fiquei de molho na água, quente o suficiente para fazer minha pele ficar vermelha, até estar pronto pra dormir.